

1976

Premonição e simbolismo em S. Bernardo de Graciliano Ramos

Antonio Cirurgião

Citas recomendadas

Cirurgião, Antonio (Abril 1976) "Premonição e simbolismo em **S. Bernardo** de Graciliano Ramos," *Inti: Revista de literatura hispánica*: No. 3, Article 6.

Available at: <http://digitalcommons.providence.edu/inti/vol1/iss3/6>

PREMONICÃO E SIMBOLISMO
EM S. BERNARDO DE GRACILIANO RAMOS

Antônio Cirurgião
University of Connecticut

Numa espécie de declaração de princípios de doutrina estética, o narrador de S. Bernardo faz questão de pôr o leitor de sobreaviso quanto a alguns dos aspectos da técnica narrativa utilizada na composição da sua "história." Logo no segundo capítulo faz esta advertência:

Tenciono contar a minha história. Difícil. Talvez deixe de mencionar particularidades úteis, que me parecem acessórias e dispensáveis. Também pode ser que, habituado a tratar com matutos, não confie suficientemente na compreensão dos leitores e repita passagens insignificantes. De resto isto vai arranjado sem nenhuma ordem, como se ve. Na opinião dos caboclos que me servem, todo o caminho dá na venda. (1)

A referência á repetição de "passagens insignificantes" e à disposição dos elementos "sem nenhuma ordem" tem o seu quê de irônico. Mera desculpa para dar um mínimo de verossimilhança a um escritor (o narrador) que não tinha recebido instrução formal, que aprendera o pouco que sabia durante os "três anos, nove meses e quinze dias" (pág. 68) que estivera na cadeia, e que nunca tinha ligado qualquer importância a obras de caráter literário:

O que é certo é que, a respeito de letras, sou versado em estatística, pecuária, agricultura, escrituração mercantil, conhecimentos inúteis neste género. Recorrendo a eles, arrisco-me a usar expressões técnicas, desconhecidas do público, e a ser

tido por pedante. Saindo daí, a minha ignorância é completa. E não vou, está claro, aos cinquenta anos, munir-me de noções que não obtive na mocidade (pág. 65) .

Como veremos a seu tempo, a repetição de "passagens insignificantes" produz um grande efeito estético. À guisa do leit motiv de uma sinfonia, servirá para chamar a atenção do leitor para os pontos mais importantes da vida de Paulo Honório e de todos aqueles que, a maneira de satélites, foram girando à sua volta e vivendo à sua mercê. E quanto à disposição da matéria "sem nenhuma ordem", teremos ocasião de verificar, por meio de alguns exemplos, que nada em S. Bernardo é fruto do acaso: Paulo Honório, que era mestre consumado na arte de subordinar, no momento apropriado, tudo e todos aos seus interesses económicos, saberá também, embora com prejuizo daquela verossimilhança em que nos quer fazer acreditar, dispor a matéria do seu livro no lugar em que melhor possa contribuir para o efeito dramático e para a perfeição artística.

Diante das passagens transcritas e de outras mais ou menos da mesma natureza, o leitor desatento e naturalmente levado a ver no livro unicamente o mínimo de elementos que ajudem a compreender as diversas etapas da peregrinação de Paulo Honório, desde o dia em que, órfão de pai e mãe, se viu obrigado a ganhar a vida como guia de cego, até ao dia em que, lançando mão do mais requintado maquiavelismo, se transformou em rico e poderoso fazendeiro, e, finalmente, desesperado da vida, dos homens e das coisas, se fechou em si mesmo e se pôs a escrever as suas memórias. Porém, lendo o romance com atenção, é fácil ver em S. Bernardo uma obra-prima em todos os seus aspectos, desde a urdidura do enredo e elaboração do tema, a descrição das personagens e criação da atmosfera e da tonalidade. Deixando de parte outros aspectos, vamos neste breve ensaio fazer al-

gumas considerações sobre dois dos elementos que muito concorrem, a nosso ver, para fazer de S. Bernardo um romance de rara categoria. São eles a premonição e o simbolismo.

Além dos elementos propriamente premonitórios, existem em S. Bernardo várias passagens que, quando lidas com atenção, predispõem o leitor para esperar determinados acontecimentos. Apesar de os dois primeiros capítulos conterem parte do fim da acção, e apesar de a narração da autobiografia de Paulo Honório ser apresentada em forma não linear, o romancista conseguiu dar à sua obra uma atmosfera de suspense, e, sobretudo, uma grande lógica interna. Lendo o romance do fim para o princípio, o leitor atento pode facilmente notar uma série de alusões, mais ou menos veladas, que revelam a estrutura perfeita e harmoniosa que preside a todo o romance, da primeira à última página. Para se mostrar essa admirável estrutura interna, vamos fazer o levantamento de algumas dessas alusões disseminadas pela obra.

Sabe-se que D. Glória tinha um fraco especial pela leitura de romances, e que esse vício, detestado por Paulo Honório, viria a concorrer para lhe criar dissabores, durante a sua estadia em S. Bernardo. Pois bem: pela primeira vez em que Paulo Honório entrou em contacto com ela, D. Glória estava apaixonadamente a discutir romances em casa do Dr. Magalhães (pág. 122). Outro fenómeno que muito contribuiria para a animosidade entre Paulo Honório e D. Glória foi o desinteresse desta por tudo quanto se referisse aos aspectos materiais da vida da fazenda. E a verdade é que também para isto havia visíveis precedentes, postos em evidência durante o segundo encontro entre Paulo e D. Glória, o qual teve lugar no trem. Quando Paulo, para levantar a conversa, que tinha caído, chamou a atenção de D. Glória para o interessantíssimo artigo de jornal sobre a apicultura, D. Glória não compreendeu nada (pág. 130). E, ao verificar que a tia de Madalena

nao conhecia a fazenda, Paulo fez este comentário prenhe de premonição: "D. Gloria nao conhecia S. Bernardo, e essa ignorância me ofendeu, porque para mim S. Bernardo era o lugar mais importante do mundo" (pág. 130). E o sinal mais claro de que D. Glória não viria a adaptar-se à vida no campo encontra-se nestas palavras suas em reacção a uma espécie de poema recitado por Paulo em louvor da natureza: "D. Glória retificou a espinha, ergeu a voz e desfez o ar apoucado: --Não me dou. Nasci na cidade, criei-me na cidade. Saindo daí, sou como peixe fora da água" (pág. 131).

Se de D. Glória passarmos para Madalena, deparamos com facilidade com uma série de fenómenos que, vistos no contexto geral do romance, nao podem deixar de ser interpretados senão como outros tantos sinais a apontar para o fim desastroso das relações entre Madalena e Paulo Honório.

No dia em que amanheceu "pensando em casar" Paulo Honório descreve desta maneira a sua atitude para com o amor, e define assim a sua visão da mulher: "Não me ocupo com amores, devem ter notado, e sempre me pareceu que a mulher é um bicho esquisito, difícil de governar" (pág. 115). De quem assim pensa do amor e da mulher difícil seria de esperar outra espécie de comportamento para com a mulher que viria a desposar poucos dias depois. Isso estaria fora da lógica das coisas, e, no caso presente, fora da lógica romanesca com que Graciliano Ramos tanto se preocupa.

Una das razões por aue nunca foi possível haver verdadeira comunicação entre Madalena e Paulo Honório é porque este não via com bons olhos as actividades literárias da esposa, tai como a sua colaboração no *Cruzeiro*. Ora o leitor sabe muito bem que no momento em que Paulo Honório, seriamente interessado em verificar se Madalena lhe serviria para esposa, ouvia da boca de Gondim que ela escrevia exce-

lentes artigos para o Cruzeiro, concluiu sem mais que tal mulher não podia ser uma "criatura sensata" (pág. 141). Além disso, como poderia alguma vez vir a poder comunicar com a esposa o homem que, logo após o primeiro encontro formal, e, por conseguinte, ainda antes de conhecê-la, pedia a Gondim que indagasse se ela era dotada das qualidades que ele exigia de uma futura consorte, dado que ele, Paulo Honório, não podia de maneira alguma dispender com mulheres o tempo que precisava para cuidar da fazenda? (pág. 142). E dizer que se tratava de estudar o feitio e o caráter da mulher com que ele já estava quase decidido a casar-se! Diante de tudo isto, quem pode surpreender-se que Paulo Honório viesse a sacrificar Madalena aos interesses materiais?!

Sondada sobre as ideias da sobrinha a respeito do casamento, D. Glória, em resposta a uma observação de Paulo Honório, pronuncia estas palavras: "-Mas há tantos casamentos desastrosos. . ." (pág. 143). E o leitor é assim preparado para ver que o da sua sobrinha com Paulo Honório seria um desses tantos casamentos.

Haviam-se casado há oito dias quando Madalena e Paulo Honório tiveram o primeiro desentendimento grave. Tomando isto como prenúncio de um futuro sombrio, Paulo Honório faz este comentário para consigo mesmo: "Um bate-boca oito dias depois do casamento! Mau sinal" (pág. 158). Sim: bem mau sinal.

Os prenúncios de um futuro desastre tornam-se tão evidentes, que até o narrador começa a dar-se conta deles. Aconteceu isto no momento em que Paulo Honório, tendo-se aproximado da escrivanhinha de Madalena e tendo descoberto um sobrescrito dirigido a Azevedo Gondim, pediu a Madalena que lhe deixasse ver a carta. Diante da recusa terminante da esposa, Paulo Honório perdeu a cabeça e chamou-lhe tantos nomes, que Madalena acabou por reciprocá-lo, chamando-lhe

assassino. Paulo Honório, reflectindo no assunto, recordou-se que a única pessoa que lhe tinha chamado esse nome fora Costa Brito, e que, por maior coincidência, fora no dia em que vingou essa ofensa que pensou em casar-se com Madalena: "Antes dela, a única pessoa que, na tábua da venta, me tachou de assassino foi Costa Brito, pela secção livre da Gazeta. Justamente quando acabava de dar-lhe o troco, tinha-me encangado a Madalena. Canga infeliz! Não era melhor que eu tivesse quebrado uma perna? Mais vale uma boa amigação que certos casamentos" (pág. 200).

Os casos de alusão premonitória acabados de transcrever e de comentar, em conjunção com outros elementos de que se vai falar em seguida, criam uma nuvem de fatalidade e de pesadelo que se vai tornando cada vez mais negra e mais densa à medida que a acção do romance caminha para o desenlace final.

Tratando-se de um narrador cuja ambição suprema na vida foi acumular bens materiais e adquirir propriedades, era de esperar que as descrições da natureza abundassem em S. Bernardo. Porém, não é assim. (2) Paulo Honório, o protagonista-narrador, só recorre à natureza quando tal recurso é mais ou menos indispensável para tornar mais compreensível, e, ao mesmo tempo, mais artística a narrativa, ou então para melhor traduzir o estado de alma de algumas personagens, especialmente o estado de alma dele, Paulo Honório, em cuja função existem, como já foi dito, todas as outras personagens, e para pressagiar ou sublinhar algum acontecimento, por regra desagradável ou funesto. O único acontecimento festejado pela natureza é o casamento de Paulo Honório e de Madalena: "Estávamos em fins de janeiro. Os paus-d'arco, floridos, salpicavam a mata de pontos amarelos; de manhã a serra cachimbava; o riacho, depois das últimas trovoadas, cantava grosso, bancando rio, e a cascata em que se despenha, antes de entrar no açude, enfeitava-

se de espuma" (pág. 151). A natureza, mesmo quando não é descrita em pormenor, é para Paulo Honório, juntamente com o cachimbo, o único lenitivo, nos momentos em que sua alma se debate em conflitos tempestuosos, como, por exemplo, quando se põe a reflectir numa das "extravagancias" da esposa: a aquisição, por seis contos, "de tábuas, mapas, quadros e outros enfeites de parede" (pág. 179) para a escola que ele tinha fundado, não para promover, social e culturalmente, os seus servos, mas para iludir e conquistar a benevolência das autoridades estaduais, que ele quer usar a seu bel talante. Paulo faz este raciocínio sobre o desperdício que a esposa lhe causara, ao dar com um moleque caçando pássaros, em vez de estudar. Para, de qualquer maneira poder respirar, Paulo volta-se para a natureza, onde, ao contrário do que sucede dentro de sua casa, ainda encontra um pouco de paz: "Levantei-me, encostei-me à balustrada e comecei a encher o cachimbo, voltando-me para fora, que no interior da minha casa tudo era desagradável" (pág. 179). Tirante estes casos, todas as vezes que o narrador alude a natureza é para acentuar ou predizer algum acontecimento triste ou trágico. Quando, após a esclosão da revolução, Azevedo Gondim, João Nogueira e Paulo Honório discutiam sobre os malefícios que ela traria ao Brasil, a natureza como que se conjura com eles para sublinhar bem essa nuvem de calamidades que pairava, como a espada de Dâmocles, sobre a cabeça da Pátria: "Agora a vela estava apagada. Era tarde. A porta gemia. O luar entrava pela janela. O nordeste espalhava folhas secas no chão" (pág. 237).

Folhas secas, pântanos, vento do nordeste, vermelhidão dos telhados, coruja e relógio são os elementos de que o escritor se serve com mais frequência para pressagiar algo de extraordinário ou de anormal.

A coruja, ave de mau agouro por excelência, e de longas e venerandas tradições literárias,

como se pode ver, por exemplo, nas élogas de Virgílio, de Sá de Miranda e de Garcilaso, desempenha um papel importantíssimo em S. Bernardo. No dia em que Paulo Honório se resolve a libertar a igreja das corujas que aí viviam, pensa também em libertar S. Bernardo de Madalena. Tal como as corujas, Madalena, sobretudo devido a sua prodigalidade excessiva, era pernicioso para Paulo Honório, cuja maior aspiração na vida era amontoar riquezas. Ficou a igreja livre de corujas e S. Bernardo livre de Madalena. Porém, passados dois anos, voltam as corujas a invadir a igreja, e volta Madalena a invadir S. Bernardo e a alma de Paulo Honório, trazendo, com a presença do seu fantasma, a tristeza, a solidão e o desespero para Paulo Honório e a decadência para S. Bernardo, manifestada nos maus negócios, na revolução e na debandada de muitos dos servos e empregados.

Já de há muito que os ciúmes mais violentos andavam a roer as entranhas de Paulo Honório, quando, ao passar um dia pelo jardim, defronte do escritório em que trabalhavam Seu Ribeiro e Madalena, descobriu "no chão uma folha de prosa, com certeza trazida pelo vento" (pág. 216). O leitor virá a saber mais tarde--e o narrador também!--que se tratava da folha de uma carta-testamento que Madalena escrevera a Paulo Honório antes de suicidar-se, e não de uma carta dirigida a um amante, como Paulo imaginara. Naturalmente que, de acordo com os princípios estéticos de Graciliano Ramos, um facto de tanta relevância na estrutura do romance deveria forçosamente ser precedido de sinais premonitórios. E esses sinais premonitórios foram a caça à coruja de que se falou atrás:

Uma tarde subi à torre de igreja e fui ver Marciano procurar corujas. Algumas se haviam alojado no forro, e à noite era cada pio de rebentar os ouvidos da gente. Eu desejava a extinção daquelas

aves amaldiçoadas. (. . .) Uma coruja gritava. E Marciano surgia de esconderijos cheios de treva, o pixaim branco de teias de aranha:

-Mais uma. É um corujão da peste, Seu Paulo.

Eu fungava:

-En que estará pensando aquela burra? Escrevendo. Que estupidez! (pp. 214-15).

Apenas Paulo desceu do telhado, encontrou a tal "folha de prosa." A ferver em ciúmes e em fúria, dispunha-se a encaminhar-se para casa, disposto a vingar a suposta ofensa, quando deu de repente com Madalena na capela, a rezar. Depois de uma longa conversa, em que Paulo veio a convencer-se da inocência da esposa, Madalena, verificando que já era tarde, resolveu abandonar a sacristia e dirigir-se para casa. Paulo Honório, meio comovido, achou que devia acompanhar a esposa até casa. Mas, por ironia do destino, Paulo, que tinha demasiado orgulho e um falso sentido da dignidade humana, não quis dar sinal de fraqueza, ainda que, interiormente, reconhecesse que devia ceder. E, sendo assim, em vez de ir para casa, ficou na igreja, onde adormeceu:

Quando dei acordo de mim, a vela estava apagada e o luar, que eu não tinha visto nascer, entrava pela janela. A porta continuava a ranger, o nordeste atirava para dentro da sacristia folhas secas, que farfalhavam no chão de ladrilhos brancos e pretos. O relógio tinha parado, mas julgo que dormi horas. Galos cantaram, a Lua deitou-se, o vento se cansou de gritar a toa e a luz da madrugada veio brincar com as imagens do oratório. (. . .) Saí, dirigi-me ao curral, bebi um copo de leite. Conversei um instante com Marciano sobre as corujas. (. . .) Realmente a mata, enfeitada de paus-d'arco, estava uma beleza. Três anos de casado. Fazia exactamente um ano que

tinha começado o diabo do ciúme (pp. 222-23).

Aqui temos nós, à maneira da uma sinfonia, uma série de elementos que se harmonizam para criar uma atmosfera de tragédia que teve lugar nessa noite: o suicídio de Madalena. A vela que se apaga, os pios agourentos das corujas, as folhas secas que o nordeste arrasta para a sacristia, onde Paulo dorme, falam eloquentemente de morte e de tragédia. O relógio da sacristia, que acabara de dar meia-noite quando Madalena, vendo que era tarde, resolveu pôr-se a caminho de casa, está parado no momento em que Paulo acorda. Para o relógio de medir o tempo; para o coração de Madalena de bater. Ironicamente, num último momento de ilusão, mesmo depois de ter estado resolvido a acabar com a vida de Madalena, com as suas próprias mãos, e depois de uma noite mal dormida, sonhando, como sucederia noutra ocasião, "com rios cheios e atoleiros", Paulo Honório ainda chega a saborear a beleza da vida, representada pelos paus-d'arco floridos. Breves momentos de ilusão e de beleza! Em casa esperava-o uma cena de horror e de pesadelo. É que, tal como premonitoriamente observara Madalena, durante o encontro na sacristia, a que temos vindo a referir-nos, também as flores dos paus-d'arco, da mesma maneira que todas as outras flores, nascem marcadas com o selo da fugacidade: "Hoje pela manhã já havia na mata alguns paus-d'arco com flores. Contei uns quatro. Daqui a uma semana estão mais lindos. E pena que as flores caíam tão depressa" (pág. 221).

A coruja, que antes tinha actuado como prenúncio da morte de Madalena, virá a ser depois a voz que trará à mente de Paulo Honório a lembrança dessa tragédia que tanto o obsessiona e tão duramente o persegue. Logo no primeiro capítulo, quando discutia com Azevedo Gondim a maneira de pôr em livro as suas memó-

rias, levantou-se a encostou-se a balustrada para ver de perto o touro minosino que Marciano conduzia ao estábulo. Que sucedeu a seguir? "Uma cigarra chiou. A velha Margarida veio vindo pelo paredão do açude, curvada em duas. Na torre da igreja uma coruja piou. Estreme-ci, pensei em Madalena" (pág. 63). E, quando já tinha desanimado de prosseguir com o livro de memórias, eis que ouve novamente o pio da coruja. Foi quanto bastou para se lançar outra vez à obra: "Abandonei a empresa, mas um dia destes ouvi novo pio de coruja--e iniciei a composição de repente, valendo-me dos meus próprios recursos e sem indagar se isto me traz qualquer vantagem, directa ou indirecta" (pág. 64). (3) Naturalmente que, a julgar pela pressão que o pio de coruja exerce sobre Paulo Honório, fácil é de concluir que a principal vantagem que a narração da sua "história" lhe traz é servir-lhe de catarse. É como se, confessando-se diante de si e dos homens, Paulo Honório conseguisse purgar-se do terror e da piedade que as vítimas inocentes dos seus muitos crimes e, sobretudo, Madalena, depois da morte reconhecida boa e de "excelente coração", lhe derramavam constantemente na consciencia, finalmente desperta para a verdade.

Para traduzir os estados de alma de Paulo Honório, encontra frequentemente o narrador uma nota arrancada à natureza ou às coisas que o rodeiam. Assim, quando acaba de tomar conhecimento das extravagantes prodigalidades da esposa, distribuindo pela velha Margarida e por Rosa vestidos e sapatos de luxo que elas nem sequer sabiam como usar e que, portanto, só serviriam para corromper essa gente habituada a viver em pobreza e simplicidade, Paulo, ao mesmo tempo que despeja a sua fúria sobre Madalena, repara que "o telhado da serraria era uma nódoa vermelha que as chuvas, aqui e ali, haviam tingido de preto" (pág. 177). E enquanto prossegue em direcção a casa, pelo meio

dos campos, nota que, devido ao baixar do sol no horizonte, "o telhado da serraria estava mais vermelho" (pág. 178). Este vermelho que com tanta insistência atrai o seu olhar é prenúncio do sangue que vai ser derramado, e o preto é o luto que lhe vai anuviado a alma pela morte de Madalena.

Por ocasião da mesma caminhada, Paulo Honório distrai-se por uns instantes dos pensamentos sombrios que a prodigalidade da esposa lhe suscitara para comparar, subconscientemente, a sua vida e a de Madalena com a dos papacins: "Demorei-me um instante vendo um casal de papacins namorando escandalosamente. Uma galinhagem desgraçada. Dentro de alguns dias aquilo se descasava, cada qual tomava seu rumo, sem dar explicações a ninguém. Que sorte!" (pág. 178). Que sorte que só aos papacins fosse dado casar-se e descasar-se sem comprometerem a marcha normal da vida.' Razão tinha Paulo para concluir que valia mais uma "boa amigação que certos casamentos" (pág. 200), como, por exemplo, o seu.

Tendo em conta que S. Bernardo é essencialmente a confissão das lutas, injustiças, expoliações e sofrimentos do protagonista-narrador, o momento mais propício para compor tal obra é a noite. E a verdade é que, sempre que vemos Paulo Honório a escrever, é durante a noite, à luz de uma vela e com uma chávena de café na frente. Mais: o narrador, que sistematicamente ignora o dia e o sol, fala com frequência na noite e na lua. E durante a noite que Paulo Honório vive as suas ideias sombrias; é durante a noite que planeia os seus crimes e as suas vinganças cruéis; é durante a noite que Madalena se suicida. Por outras palavras, tudo o que em S. Bernardo é tenebroso e inumano é durante a noite que se maquina, executa ou acontece.

Decorridos dois anos sobre a morte da esposa, Paulo Honório chega a um ponto em que, com

objectividade e honestidade, faz um balanço à sua vida e dá-se conta que é uma vida falhada. Pela primeira vez, reconhece plenamente que o mal estava nele e não em Madalena e nos outros: "Madalena entrou aqui cheia de bons sentimentos e bons propósitos. Os sentimentos e os propósitos esbarraram com a minha brutalidade e o meu egoísmo. Creio que nem sempre fui egoísta e brutal. A profissão é que me deu qualidades tão ruins. E a desconfiança terrível que me aponta inimigos em toda a parte!" (pág. 247). Tendo passado a vida numa luta feroz e sem tréguas contra todos os que, de uma forma ou de outra, ousavam contrariar a sua vontade ou os seus interesses, Paulo Honório, ao ver-se sem Madalena, sem D. Glória, sem Seu Ribeiro, sem Padilha, sente-se só e desamparado, praticamente impossibilitado de viver. Não tendo contra quem combater, Paulo, que nascera sob o signo do Carneiro, não vê outro remédio senão combater-se a si próprio. É então que se debruça sobre si mesmo e que, melhor do que nunca, se dá conta da enorme extensão da sua fealdade exterior e interior: "Sou um aleijado. Devo ter um coração miúdo, lacunas no cérebro, nervos diferentes dos nervos dos outros homens. E um nariz enorme, dedos enormes. Se Madalena me via assim, com certeza me achava extraordinariamente feio. Fecho os olhos, agito a cabeça para repelir a visão que me exhibe essas deformidades monstruosas" (pág. 247). Ao ver-se assim monstruoso no corpo e na alma, Paulo Honório, que nunca na sua vida tinha conhecido a cor do medo, sente-se tomado de pavor:

A vela está quase a extinguir-se.

Julgo que delirei e sonhei com atoleiros, rios cheios e uma figura de lobisomem.

Lá fora uma treva dos diabos, um grande silêncio. Entretanto o luar entra por uma janela fechada e o nordeste furioso espalha folhas secas no chão.

E horrível! Se aparecesse alguém. . .
Estão todos dormindo.

Se ao menos a criança chorasse. . .
Nem sequer tenho amizade a meu filho.
Que miséria!

Casimiro Lopes está dormindo. Mar-
ciano está dormindo. Patifes!

E eu vou ficar aqui, às escuras, até
não sei que hora, até que, morto de fa-
diga, encoste a cabeça à mesa e descanse
uns minutos (pág. 248).

Se é lícito ler um romance para além das últi-
mas palavras (a passagem acabada de transcre-
ver encerra S. Bernardo), talvez se possa
concluir que a hora de Paulo Honório é também
chegada. Com a vela, que é símbolo da vida;
com as trevas a invadir os seus aposentos;
com o nordeste a espalhar folhas secas pelo
chão; com o abandono de todos, até de Marciano
e de Casimiro Lopes, os quais, como fiéis cães
de guarda, nunca se apartavam um momento de
seu lado; sem a amizade de ninguém, nem sequer
a do próprio filho, que resta a Paulo Honório
senão demitir-se da vida?

Um outro caminho que talvez possa levar-nos
a mesma conclusão é a existência do paralelis-
mo entre o comportamento da natureza na noite
em que Madalena se suicidou e esta mesma noite
em que Paulo Honório, num acto de coragem mo-
ral e mergulhado em angústia, se confessa a
si mesmo tal qual é. Então como agora, a vela
apagou-se, o relógio parou, o nordeste espa-
lhou folhas secas pelo chão, e Paulo Honório
sonhou "com atoleiros e rios cheios." Tendo
em consideração o uso dos símbolos e das pre-
monições, de que se tem vindo a tratar, esta
leitura de S. Bernardo não parece estar fora
do contexto. Morte simbólica de Paulo Honório?
Também essa é uma espécie de morte.

Notas

(1) Graciliano Ramos, S. Bernardo (São Paulo, Livraria Martins Editora, 14.a. edição, s. d.), p. 64.

Daqui em diante, nas citações limitar-nos-emos a indicar a página referente a esta edição no corpo do artigo.

(2) Esta economia de elementos já foi muito bem vista por Antônio Candido e por Ralph Edward Dimmick. Eis as palavras do primeiro: "Não há em S. Bernardo uma única descrição, no sentido romântico e naturalista, em que o escritor procura fazer efeito, encaixando no texto, periodicamente, visões ou arrolamentos da natureza e das coisas" (apud Graciliano Ramos, S. Bernardo, edição citada, pág. 25).

Quanto à opinião de Ralph Edward Dimmick, veja-se Graciliano Ramos, Barren Lives (Austin, University of Texas Press, 1971), pág. XIX.

(3) Tal como tinha feito durante a vida inteira, também agora Paulo Honório vai arrancar para a frente, sozinho e independente, com a composição das suas memórias.